

DIVERGÊNCIAS ENTRE OS DICIONÁRIOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI AO INÍCIO DO SÉCULO XIX



*Maria Mercedes Saraiva Hackerott
(CEDOCH-DL/USP)*

Tratar os antigos dicionários da língua portuguesa como se fossem iguais, considerando-os apenas como dicionários antigos é perder muito da riqueza destas obras. Uma pequena amostragem da produção lexicográfica lusa do século XVI ao início do século XIX revela que os dicionários são diferentes, apesar de apresentarem semelhanças como a ordenação alfabética dos verbetes e o fato de serem obras cumulativas, constantemente aumentadas e corrigidas.

Partindo do pressuposto de que pode haver diversidade no que aparentemente é unidade, este artigo busca verificar se as diferenças existentes nos primeiros dicionários portugueses se limitam à natureza bilíngüe ou monolíngüe dos mesmos ou se se ligam as tradições diferentes do conhecimento lexicográfico.

Para tanto, serão analisados os seguintes dicionários da língua portuguesa: Cardoso/Stockammer (1570), Barbosa (1611), Pereira (1697), Bluteau (1712-1721), Bacellar (1783) e Moraes Silva (1813).

1. As edições dos dicionários como parâmetro de aceitabilidade

A partir do século XVI, as tipografias portuguesas aumentaram consideravelmente o número de exemplares de cada tiragem. A variação da quanti-

dade de exemplares e de tiragens dependia da aceitação do público consumidor, o que justifica associar o grau de abrangência dos dicionários ao número de edições que tiveram.

Jerônimo Cardoso (1508-1569) é o autor do primeiro dicionário da Língua Portuguesa, publicado em 1562 pela tipografia de Antônio Álvares em Lisboa e intitulado *Hieronymi Cardosi Lamasensis Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*. Em 1570, em Coimbra, a oficina de João Barreiro publica uma nova edição desse dicionário acrescentada e corrigida por Sebastião Stockammer (15?? – 1589), com o título *Dictionarium Latino-Lusitanicum & vice-versa Lusitanico Latinu, cum adagiorum, ferè omnium iuxta seriam alphabeticam perutili expositione: Ecclesisticorum etiam vocabulorum interpretatione. Item de mentis, ponderibus, & mensuris, ad praesentem usum accomodatis. Nouè omnia per Hieronymu Cardosum Lusitanum Congesta*.

A boa aceitação deste dicionário pode ser constatada pelas várias edições que teve. O biógrafo Silva (1849: 259, t.3) cita seis: 1570, Coimbra por João Barreiro; 1592, Lisboa por Alexandre de Siqueira; 1601, Lisboa por Antonio Álvares; 1619, Lisboa por Craesbeeck; 1643, Lisboa por Laurente de Anvers; 1677, Lisboa por Craesbeeck; 1694, Lisboa por Domingos Carneiro. Além dessas edições, há notícias de outras seis edições: 1562, Lisboa por Antonio Álvares; 1588, Coimbra por João Barreiro; 1592, Lisboa por Simão Lopes; 1613 e 1630 Lisboa por Craesbeeck; 1644, Lisboa por Domingos Carneiro.

Em 1611, Agostinho Barbosa (1590-1649) traz a público, em Braga pela oficina de Laurente de Basto, o *Dictionarium Lusitanico Latinum Iuxta Seriem Alphabeticam Optimis, Probatis Q. Doctissimorum Auctorum testimonijs pertuli quadam expositione locupletatum, cum copiosissimo Latini Sermonis Indice, necnon libello uno aliquarum Regionum, Civitatum, Oppidorum, Fluuiorum, Montium, & Locorum, quibus veteres uti solebant. Omnia in studiosae iuuentutis gratiam & usum collecta*. Segundo Silva (1858: 14, t.1), essa obra, apesar de ser bem “copiosa”, isto é, ter muitas entradas lexicais, não teve outra edição. Uma possível explicação para o dicionário de Barbosa ter se limitado a uma única edição é o fato de o restrito mercado lexicográfico já contar com as sucessivas edições publicadas por Craesbeeck do dicionário de Cardoso/Stockammer.

A *Prosodia* de Bento Pereira (1605-1681) teve tantas edições quanto o dicionário de Cardoso/Stockammer. Para Silva (1858: 352, t.1), esse dicionário teria ainda mais edições “se os jesuítas continuassem a dirigir por mais tempo os estudos em Portugal”.

Não há muita concordância entre os biógrafos de Pereira quanto ao número, a data e o local das várias edições da *Prosodia*. Machado (1747: 509, t.1) cita onze edições, Silva (1858: 22, t.1) refere-se a cinco e Sommervogel (1895: 507-512, t.6) referenda treze.

Com o título *Prosodia in Vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanum et Hispanicum digesta* há três referências: 1634, Évora por Manoel Carvalho; 1643 e 1656, Lisboa por Craesbeeck. A edição de 1661, por Craesbeeck, inclui o *Thesouro da Lingua Portuguesa*, já publicado autonomamente em 1643 e 1647 por sua oficina. Nas edições de 1669 e 1674, além do *Thesouro*, Craesbeeck acrescenta o *Florilegio dos modos de fallar, e adagios da lingua portugueza* também publicado anteriormente em sua oficina de modo autônomo em 1655. Na edição de 1683, por Craesbeeck, há uma referência, no frontispício, a Ambrogio Calepino (1435-1511). Em 1697, a Academia de Évora obtém a concessão para a publicação da *Prosodia* e a traz a público com o título *Prosodia in vocabularium bilingüe, Latinum et Lusitanicum digesta in qua dictionum significatio et syllaborum quantitas expenditur*. Desta forma, Academia de Évora passa a dominar o mercado editorial lexicográfico viabilizando mais três edições da *Prosódia*: 1732, 1741 e 1750.

As diversas edições da *Prosodia* atestam a dinamicidade do processo lexicográfico português. Vale notar que este foi primeiramente um dicionário trilingüe com entradas na língua latina à semelhança dos Calepinos. Os Calepinos são dicionários multilíngües publicados principalmente nos séculos XVI e XVII com a entrada dos verbetes na língua latina. A primeira edição do dicionário de Ambrogio Calepino, diferentemente das demais, trata apenas do Latim e data de 1502. A partir da segunda edição, os Calepinos passam a ser multilíngües chegando a conter até onze línguas na edição de 1590. O primeiro Calepino a incluir o Português foi publicado em Amakusa pela Companhia de Jesus em 1595 com o título: *Dictionarium latino lusitanicum, ac iaponicum ex Ambrosii Calepini*.

A *Prosodia* de Bento Pereira, apesar do grande prestígio testemunhado pelas várias edições, foi severamente criticada por Verney (1746) e Figueiredo (1755), sendo censurada e explicitamente proibida no Alvará Régio de 1759 nas *Instrucçoens para os Professores de Grammatica Latina* § XII:

Não consentirão que os Estudantes uzem da Prozodia de Bento Pereira, pelo perigo, que há de se lhes imprimir logo nos primeiros annos a multi-dão de palavras barbaras, de que está chêa.

De 1712 a 1721, foram publicados os oito volumes do dicionário de Rafael Bluteau (1638-1734), sendo que os quatro primeiros volumes foram publicados pelo Colégio das Artes da Companhia de Jesus em Coimbra e os quatro seguintes em Lisboa por Paschoal da Sylva. Toda a coleção veio a público com o título *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Economica, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymio, Hierologico, Ichthyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meterologico, Nautico, Numerico, Orthographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quiddidativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano, Symboloco, Synonimico, Syllabico, Theologico, Terapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico, auctorisado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinos, e offerecido a el-rey de Portugal D. João V.* Em 1727, José Antonio da Sylva publicou em Lisboa mais um suplemento deste dicionário e, em 1728 saiu o segundo suplemento pela Officina de Musica também em Lisboa.

O *Vocabulario* de Bluteau, mesmo sendo de valor incontestável, foi duramente criticado por Verney (1949 [1746]: 131-132, t.1).

O que tudo se podia reduzir a menor extensão, bastando um exemplo de um bom autor, e deitando fora tantos latins e citações supérfulas. E, assim, todo aquele grande vocabulário se pode reduzir, nas segundas impressões, a três ou quatro volumes, se lhe tirassem o que tem de supérfulo; e seria também mais barato e mais útil à República

Em 1783, o franciscano Bernardo de Jesus Maria (1736-1787) traz a lume, com o nome de Bernardo de Lima e Melo Bacellar, o *Diccionario da*

Lingua Portugueza, em que se acharão dobradas palavras do que traz Bluteau, e todos os mais Dicionaristas juntos: a sua propria significação: as raizes de todas ellas: a accentuação: e a selecção das mais usadas e polidas: a Grammatica Philosophica, e a Orthographia Racional no principio, e as explicaçoens das abbreviaturas no fim desta obra impresso em Lisboa na oficina de José Aquino Bulhões. Este é, de fato, o primeiro dicionário monolíngüe da língua portuguesa. Assim que saiu a público, foi alvo de críticas tão veementes que, de acordo com Silva (1868: 379, t.1), as autoridades públicas precisaram intervir retirando de circulação os exemplares ainda não vendidos.

Por fim, em 1789, em Lisboa a oficina de Simão Tadeu Ferreira publicou o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de autoria do brasileiro Antônio de Moraes Silva (1755-1824). Verdelho (2002: 26) comenta que a primeira edição deste dicionário se propunha a ser uma reedição atualizada e reduzida da obra de Bluteau, sendo apenas a segunda edição de plena autoria de Moraes Silva. A segunda edição, 1813, foi publicada em Lisboa pela Typographia Lacerdina e traz no início a *Epitome da Grammatica Portugueza*. Por esta tipografia, foram editadas mais três edições do dicionário de Moraes Silva atualizadas, acrescentadas e dirigidas por Pedro José de Figueiredo (1823), por Theotonio José de Oliveira Velho (1831) e por Damazo Monteiro (1844).

2. A organização das partes do dicionário em função da natureza bilíngüe ou monolíngüe do dicionário

Segundo Aurox (1992: 73), os dicionários surgiram com a dupla finalidade de ser um meio de aprendizagem das línguas e um meio de descrição e normatização das mesmas.

A história da lexicografia portuguesa mostra uma alternância da finalidade conforme a natureza bilíngüe ou monolíngüe do dicionário, uma vez que os dicionários bilíngües visam ao conhecimento do léxico de uma língua por meio do léxico de outra e os dicionários monolíngües visam à descrição e abonação de uma língua autônoma. De qualquer forma, nestas duas práticas, monolíngüe ou bilíngüe, verifica-se o tratamento metalingüístico que torna a língua um objeto de análise.

Quadro 1: Partes que compõem os primeiros dicionários da língua portuguesa

OBRA	PARTE 1	PARTE 2	PARTE 3
Cardoso / Stokhamero (1570)	Dictionarium Latino Lusitanicum	Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem	Vocum Ecclesiasticarum De monetis tam graecis quam latinis
Barbosa (1611)	Index Verborum, Nominum, ac Dictionarium Latinae Linguae, que in hoc Dictionarium Continentur	Dictionarium Lusitanas Voces Ordine Alphabeticum in sermonem Latinum Conuersas Complectes, ex optimis probatis q. Linguae Latinae auctoribus, summa cum diligentia collectum	Dictionarium Aliquarum regionum, civitatum, & Oppidorum, Fluuiorum, montium, & Locorum, quibus antiqua tempora uti solebant, ex probatis auctoribus collectum
Pereira (1697)	Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum et Lusitanicum digesta in qua dictionum significatio et syllaborum quantitas expenditur	Thesouro da Lingua Portugueza	Florilegio dos modos de fallar, e adagios da lingua portugueza
Bluteau (1712-1721)	Vocabulario Portuguez e Latino (8 volumes)		Supplementos (2 volumes)
Bacellar (1783)	Grammatica Philoso- phica da Lingua Portugueza principal- mente; a qual ensina a conhecer, e collocar os vocabulos do seguinte Diccionario arrazoada- mente, e com facilidade	Orthographia Philoso- phica da Lingua Portu- gueza; para se saberem escrever arrazoada- mente, e com facilidade os vocabulos do seguinte diccionario	Diccionario da Lingua Portugueza
Moraes Silva (1813)	Epitome da Gramma- tica Portugueza	Diccionario da Lingua Portugueza	

O dicionário de natureza bilíngüe impõe, primeiramente, uma prática comparativa que estabelece a equivalência lexical entre duas línguas. Assim, o léxico português é demanda ao léxico latino e vice-versa, o que justifica as duas partes: Latim / Português e Português / Latim. São exemplos típicos desta prática os dicionários de Cardoso/Stockammer, Pereira e Barbosa, sendo que este último reduz a parte Latim / Português a simples índice remissivo.

O dicionário de natureza monolíngüe substitui a prática comparativa pela prática descritiva, possibilitando a autonomia da língua portuguesa, que passa a ter ‘gênio’ e ‘tesouro’ próprios, justificando a inserção da gramática portuguesa no início do dicionário. Exemplos desta prática são os dicionários de Bacellar e Moraes Silva.

Em uma posição intermediária, está o dicionário de Bluteau que, embora seja bilíngüe correlacionando o vocábulo português ao latino, adota uma metodologia que dá autonomia ao Português, enfraquecendo a correferência bilíngüe.

3. A variação da estrutura dos verbetes em função da tradição

Teyssier (1990: 38-39) comenta que em Portugal a lexicografia nasceu da cultura humanística, inserindo em uma mesma tradição os lexicógrafos Cardoso, Barbosa, Pereira, Bluteau e Moraes Silva, sendo que esse último “pode ser considerado o antepassado de todos os dicionários modernos da língua”. Verdelho (2002: 17) credits aos três primeiros dicionários a herança humanista que tomou como fonte de referência o *Dictionarium* de Nebrija (1492), o *Thesaurus linguae latinae* (1531-1543) de Robert Estienne e os vários calepinos. Separa deste grupo o monumental trabalho de Bluteau por considerá-lo monolíngüe, uma vez que “o latim é objecto de uma informação muito sumária e tão pouco significativa, no conjunto da obra, que pode ser considerada essencialmente monolingue” (cf. Verdelho 2002: 22). No século XVIII, Verdelho (2002: 25) observa uma efervescência lexicográfica que coloca o português em contato com outros vernáculos europeus, dando origem a uma nova lexicografia bilíngüe e também propiciando o desenvolvimento dos dicionários monolíngües. Nesta tradição, insere os trabalhos de Bacellar e Moraes Silva.

Os limites entre uma tradição e outra são estabelecidos pela mudança da reflexão sobre o objeto língua. Na lexicografia, tal mudança pode ser flagrada na organização e na composição dos verbetes.

Quadro 2: Os verbetes “uvo” e “uivar” nos primeiros dicionários da língua portuguesa

	Verbete Uivo	Verbete Uivar
Cardoso (1562)	Huivo. Ululatus, us.	Huivar. Ululo, as.
Barbosa (1611)	Huyvo, ou grito. Ululatus, us, p. p. Caesar lib. 5. bel. Gall. Implere montes ululatus. Ovid. 4. Fast. Femineus ululatus. Virg. 4. Aeneid.	Huyvar, ou gritar. Ululo, as, pen. c. Ut, Ululant lupi, vel canes. Virg. 3. Georg. & Aeneid. 6. Aedes ululant plangoribus femineis. Virg. 2. Aeneid.
Pereira (1647)	Huyvo. Ululatus, us.	Huyvar Ululo, as.
Bluteau (1712-1721)	Uyvo. A voz do lobo, & do caõ. Ululatus, us. Masc. Plin. Huivo. Huivo. Voz medonha do Lobo, & ás vezes do Caõ, quando anda no cio, & não póde chegar à cadella, ou quando tem muita fome, &c. Ululatus, us. Masc. Plin. Hist.	Uyvar. Dar uyvos. Propriedade de lobos, cães, &c. Ululare. Virgil. (o, avi, atum.) (Uyvando como caõ. Vieyra, Xavier dormindo, 314. col. 1.) Huivar. Dar huivos, Ululare, (o, avi, atum;) Virgil. Huyvar, & huyvos. Vid. Huivar, & Huivos.
Bacellar (1783)	Uiv- ar, âdo, o (ululare, ololyzein) ganir com choro; olygê. Uleâ- r, ção,do (ululare, ololyzein) uivar. Huiv- ar, âdo, âge, o (ylaëin, ululare) Fazêr c. vóz do cão.	Uivar, e Uivo. V. Uyvar, e Uyvo; mas Uivar he melhor ortogr. at. "uivar tristes agoiros". Uyvar, v. n. Dar uyvos.
Moraes Silva (1813)	Uyvo, s. m. Voz aguda, e lamentosa do cão, ou lobo quando estão prezos, ou andão na brama. uivos dos Abibes. Ined. II, 601.	

Por apresentarem a mesma reflexão comparativa, equivalendo o léxico português ao latino, os três primeiros dicionários portugueses podem ser considerados de uma mesma tradição. Tanto Cardoso quanto Pereira apresentam os verbetes com a entrada em Português seguida da versão latina: quando nominal (*ululatus*), seguida pela terminação genitiva (-*us*) que marca a declinação do nome latino ou quando verbal na primeira pessoa do singular do presente do indicativo ativo (*ululo*), com a terminação (*as*) da 2ª. pessoa do singular do presente do indicativo mostrando a que conjugação o verbo pertence. Além destas informações, Barbosa acrescenta a indicação prosódica (p.p), marcando o acento na penúltima sílaba que é longa (*ululatus*) ou (pen. c.) indicando o acento na penúltima sílaba que é breve (*ululo*). Outros dados que Barbosa insere no verbete são o exemplo do emprego do termo latino (*Implere montes ululatibus*) e a abonação latina (Ovid. 4. Fast). Pereira também apresenta abonações latinas na parte Latim / Português (cf. Abalieno, as, avi, atum. Alienar ou separar, o que era proprio. 2.b.4.l.Cic.).

As indicações de sinonímia na língua portuguesa também aparecem, nestes três dicionários, da mesma forma. Barbosa na parte Português / Latim (huyvo ou grito) e nos dois outros na parte Latim / Português (cf. a tradução do nome latino *abalienatio* – em Cardoso/Stockammer: *o estranhamento ou alheamento* - em Pereira: *a separação ou desapropriação*). Alusões a traços gramaticais do Português, como o gênero nominal, surgem indiretamente na parte Latim / Português através da presença do artigo definido na tradução portuguesa em Cardoso/Stockammer (o estranhamento) e em Pereira (a separação).

Apesar da natureza bilíngüe, o *Vocabulario* de Bluteau não faz a mesma reflexão lexicográfica dos antecedentes. Diverge dos demais ao inserir a explicação semântica das palavras portuguesas. Nos verbetes de Bluteau, depois da entrada, há a explicação semântica do vocábulo português, seguida pelo exemplo do emprego desse vocábulo e pela abonação que referencia os clássicos da literatura lusa (Uyvando como caõ. Vieyra, Xavier dormindo, 314. col.1). Desta forma, Bluteau dá à língua portuguesa uma autonomia frente ao Latim, o que o distancia da tradição dos anteriores, cuja finalidade era o bilingüismo. Em contrapartida, Bluteau continua, como os antecessores, a apresentar ape-

nas dados gramaticais do Latim (*ululatus, us / ululare, o, avi, atum*) não fazendo alusão a particularidades verbais ou nominais da língua portuguesa.

Em diversos verbetes, a metodologia de Bluteau transforma seu vocabulário de palavras em dicionário de coisas, sobrepondo o conhecimento enciclopédico ao conhecimento lingüístico. Assim, tanto a descrição do termo português quanto a referência latina, ao invés de serem uma reflexão puramente lingüística, passam a ser uma reflexão sobre os diversos campos da erudição da época elencados no subtítulo da obra.

Unção. O ungir com oleos, ou cousa semelhante. Unctio, onis. Cic. Unctura, ae. Fem. Cic. (Quando gratificava a Magdalena na exterior unção. Varella, Num. Vocal, 526.)

Unção. Na Religião Catholica chama-se Unção o caracter impresso nas cousas sagradas, depois de ungidas com oleo. A unção dos Reys, dos Prelados, dos Sacerdotes. No Sacramento do Bautismo, a unção se faz na cabeça, no Sacramento da Confirmação, faz-se na testa, & na Santa unção, que se dà aos agonizantes, faz se nas partes dos cinco sentidos, instrumentos da culpa. Unctio, onis. Fem.

A extrema unção. He o ultimo dos Sacramentos. Chama-se assim para o differençar de outros, que se fazem ungindo, como os do Bautismo, & da Confirmação. A unção deste chama-se Extrema, porque he a ultima das tres, & se faz na ultima hora da vida; & faz-se em cinco partes, olhos, orelhas, narizes, boca, & mãos. O seu effeito he expellir as reliquias dos peccados, communicar santidade à alma, & espiritual recreação, & força para mais graça, & soccorro contra o demonio, & saude ao corpo, se lhe convêm. Extrema unctio. Dar a hum doente a Santa unção. Aegrotum sacro oleo perungere. Receber a Santa unção. Sacro oleo perungi. (Não se deve dar a Extrema unção aos que não tem enfermidade perigosa. Summa Caietana, pag. 464.) Vid. Oleo. Os Santos oleos.

A unção dos Reys, ou dos Sacerdotes. Regum, vel Sacerdotum sacra inunctio, onis. Fem. (Que cautela, como a de Eliseu para a unção de Jehu. Varella, Num. Vocal, 176.) [Bluteau 1721]

O primeiro dicionário da língua portuguesa a ter natureza monolíngüe é o de Bacellar. A estrutura dos verbetes neste dicionário é extremamente inovadora e original diferindo sobremaneira dos anteriores, não só pelo fato de

ser monolíngüe, mas por apresentar uma nova reflexão sobre a língua, levando em consideração a segmentação mórfica dos vocábulos portugueses. A entrada do verbete é feita pelo radical seguido por hífen ('uiv-') e pelas várias terminações ('âr', 'âdo', 'o') que formam os vocábulos 'uiv-ar', 'uiv-ado' e 'uiv-o'. Esta forma de apresentação reduz muito o número de entradas e ilustra um dos processos de formação de palavras. Bacellar não oferece nem exemplos nem abonações, mas sugere a origem etimológica do termo português colocando entre parênteses o correspondente latino e/ou grego (*ululare, ololyzein*) ou apenas indicando a origem da entrada (*cf.* Jabo- ru, ticaba; uva: e galinha Brasileira).

Outro dicionário do Português de natureza monolíngüe é o trabalho de Moraes Silva, contudo este apresenta uma reflexão diferente da língua portuguesa, que o afasta sensivelmente da tradição de Bacellar. É interessante que ambos iniciam o dicionário com uma gramática filosófica, entretanto estas gramáticas diferem quanto aos critérios de análise da língua, ficando de semelhante apenas o nome. O dicionário de Moraes Silva estampa o vocábulo português seguido de sua classificação gramatical. Esta classificação (s.m / v.n.) mostra a classe de palavra e as subcategorias: ativo, intransitivo, neutro, recíproco, feminino, masculino, comum de dois etc. Além destas informações, Moraes Silva dá a explicação semântica (Voz aguda, e lamentosa do cão, ou lobo quando estão presos, ou andão na brama) acompanhada de exemplos (uivos dos Abibes) e abonações (Ined. II, 601). Nesse dicionário monolíngüe, observa-se o equilíbrio entre as informações gramaticais, as explicações semânticas e os exemplos de uso, muitas vezes abonados pela literatura. O dicionário de Moraes Silva é o que mais se aproxima dos dicionários monolíngües contemporâneos.

4. Considerações finais

As divergências encontradas nos dicionários da língua portuguesa do século XVI ao início do século XIX vão além da natureza bilíngüe ou monolíngüe dos mesmos.

A opção pela natureza bilíngüe levou Cardoso, Barbosa, Pereira e Bluteau a uma prática que equipara o léxico português ao latino. Na parte Português /

Latim, o vocábulo vulgar é o meio para se chegar ao vocábulo clássico. Do Latim, são apresentadas informações gramaticais e exemplos do emprego do vocábulo legitimados pela literatura. Quanto a particularidades gramaticais do Português, aparecem de maneira indireta apenas na parte Latim / Português destes dicionários.

Apesar destas semelhanças impostas pela natureza bilíngüe, Bluteau diverge dos outros três ao introduzir a explicação semântica do vocábulo português. Antes dele, os dicionaristas se limitam a apresentar sinonímias. A inserção do componente semântico na reflexão lexical propiciou o aparecimento do dicionário monolíngüe. Contudo, a explicação semântica de Bluteau diverge da explicação semântica dos dicionários monolíngües, na medida em que reflete um saber iluminista e enciclopédico que extrapola a dimensão semântica e passa a explicar não o signo lingüístico, mas o seu referente.

Os dicionários de natureza monolíngüe de Bacellar e de Moraes Silva, mesmo tendo em comum a percepção da língua portuguesa como objeto autônomo constituído pelos componentes léxico e semântico, também divergem quanto à tradição. Bacellar adota uma metodologia de segmentação para identificar no vocábulo o morfema lexical que lhe possibilita resgatar a origem etimológica. Diferentemente, Moraes Silva não se preocupa com a origem etimológica do vocábulo português. Nos verbetes de seu dicionário, descreve o vocábulo do Português apresentando a informação gramatical sem prejudicar a informação semântica ou o testemunho textual.

Quadro 3: Variação das tradições em função da natureza bilíngüe ou monolíngüe dos primeiros dicionários da língua portuguesa



Antes de finalizar, é preciso ressaltar a importância da política editorial. No período analisado, a durabilidade e a manutenção das tradições lexicográficas muito devem a esta política: quer mantendo em circulação por mais de século os dicionários de Cardoso, Pereira e Moraes Silva, quer tirando do mercado os dicionários de Barbosa e Bacellar. Vale lembrar que a tradição humanista terminou com a política pombalina que proibiu mais edições da *Prosodia* e o alto custo da publicação do *Vocabulario* de Bluteau inviabilizou a publicação de novas edições, coibindo a continuidade do trabalho enciclopédico.

Referências Bibliográficas

- “Alvará Régio de 1759”. Andrade, Antônio Alberto Banha de. 1978. *As reformas pombalinas dos estudos secundários no Brasil*. São Paulo: Saraiva. [Apêndice B]
- Auroux, Sylvain. 1992. *A revolução tecnológica da gramaticalização*. Campinas: UNICAMP.
- Bacellar, Bernardo de Lima e Melo. 1783. *Diccionario da Lingua Portugueza, em que se acharão dobradas palavras do que traz Bluteau, e todos os mais Dicionaristas juntos: a sua propria significação: as raizes de todas ellas: a accentuação: e a selecção das mais usadas e polidas: a Grammatica Philosophica, e a Orthographia Racional no principio, e as explicaçoens das abbreviaturas no fim desta obra*. Lisboa: José de Aquino Bulhões.
- Barbosa, Agostinho. 1611. *Dictionarium Lusitanico Latinum Iuxta Seriem Alfabeticam Optimis, Probatis Q. Doctissimorum Auctorum testimonijs pertuli quadam expositione locupletatum, cum copiosissimo Latini Sermonis Indice, necnon libello uno aliquarum Regionum, Civitatum, Oppidorum, Fluuiorum, Montium, & Locorum, quibus veteres uti solebant. Omnia in studiosae iuuentutis gratiam & usum collecta*. Braga: Laurente de Basto.
- Bluteau, Rafael. 1712 – 1721. *Vocabulario Protuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Economica, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymio, Hierologico, Ichthyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico,*

Meteorologico, Nautico, Numerico, Orthographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quiddidativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano, Symboloco, Synonimico, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico, auctorizado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinus, e offerecido a el-rey de Portugal D. João V. Vol. 1-4, Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus. Vol. 5-8 e Supl. 1, Lisboa: Sylva. Supl. 2, Lisboa: Officina de Musica.

Cardoso, Jerônimo; Stockammer, Sebastião. 1570. *Dictionarium Latino-Lusitanicum & vice-versa Lusitanico Latinu, cum adagiorum, ferè omnium iuxta seriam alphabeticam perutili expositione: Ecclesisticorum etiam vocabulorum interpretatione. Item de mentis, ponderibus, & mensuris, ad praesentem usum accomodatis. Nouè omnia per Hieronymu Cardosum Lusitanum Congesta.* Coimbra: João Barreiro.

Cardoso, Jerônimo. 1562. *Hieronymi Cardosi Lamasensis Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem.* Lisboa: Antônio Álvares.

Figueiredo, Pereira de. 1755. *Apparato Critico para a correção do Diccionario intitulado "Prosodia in vocabularium bilingue digesta": offerecido aos que seriamente quizerem cuidar da sua emenda e reimpressã.*

Machado, D. B. 1747. *Bibliotheca lusitana historica, critica e cronologica.* Lisboa: Ignacio Rodrigues.

Moraes e Silva, Antônio de. 1813. *Diccionario da Lingua Portuguesa.* Lisboa: Lacerdina, 2ª ed.

Pereira, José Bento. 1741 [1697]. *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum et Lusitanicum digesta in qua dictionum significatio et syllaborum quantitas expenditur.* Évora: Academia, 9ª ed.

_____. 1655. *Thesouro da Lingoa Portuguesa.* Lisboa: Craesbeck.

Silva, Innocencio Francisco da. 1858. *Diccionario Bibliographico Portuguez.* Lisboa: Imprensa Nacional.

- Sommervogel, Carlos. 1845. *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. Paris: Picard.
- Teyssier, Paul. 1990. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- Verdelho, Telmo. 2002. “Dicionários portugueses, breve história” *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. José Horta Nunes e Margarida Petter (orgs). São Paulo: Humanitas / Pontes.
- Verney, Luis António. 1949 [1746]. *Verdadeiro método de Estudar*. Edição organizada por António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa.